

Educação Ambiental e Identidade(s) Latino Americana: um estudo através da obra literária de Octávio Paz

VALDO BARCELOS*



RESUMO – Este ensaio tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre a forma como abordamos os diferentes conflitos em nossa sociedade. Minha atenção se volta, neste momento, para os conflitos ambientais contemporâneos. Farei um exercício de diálogo entre a obra literária e a produção de conhecimento, a partir da idéia de que a literatura se constitui em mais uma possibilidade de diálogo com o mundo, na medida em que existe uma relação permanente entre autor(a), leitor(a), texto e sociedade. Tomo como referencial teórico para este ensaio as idéias do poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz (1914-1998). Vejo nas idéias deste autor mais uma contribuição importante tanto para o entendimento das possíveis origens dos dilemas contemporâneos quanto para a construção de alternativas ao modelo atual de sociedade herdado da modernidade ocidental. Neste ensaio me deterei no estudo e análise das possíveis contribuições epistemológicas das idéias pazianas para o enfrentamento da crise ecológica nos tempos de pós-modernidade em que vivemos. Os textos analisados fazem parte das Obras Completas deste autor, publicadas em 15 volumes pelo Fondo de Cultura Económico, México, 1994. Adianto que embora a obra paziana seja composta de uma diversidade de gêneros literários, será aqui estudada, de forma mais específica, a sua produção ensaística.

Descritores – Octávio Paz; literatura e ecologia; educação ambiental.

ABSTRACT – This essay has as main aim to make a reflexion about the way we approach the different conflicts in our society. My attention turns into the current environmental issues at this moment. I will make an exercise of dialogue between the literary work and the knowledge production from the starting point of the idea that the literature builds up in one more possibility of dialogue with the world, once there is a permanent relationship among author, reader, text and society. As a theoretical reference to this essay I'll take the ideas of the mexican poet and essayist Octávio Paz (1914-1988). I see in this author ideas more one important contribution both to the

* Prof. Adj. Departamento de Administração Escolar – PPGE/UFSM. Membro Coordenador do GEPEIS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social. *E-mail:* vbarcelos@terra.com.br

Artigo recebido em: novembro/2003. Aprovado em: março/2004.

Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 241 – 262, Mai./Ago. 2004

understanding of the possible origins of contemporary dilemmas and to the construction of alternatives to the actual model of society inherited from western society. In this essay I'll remain in the study and analysis of the possible epistemological contributions of Paz's ideas to cope with the ecological crisis in the post modernity times that we live. The texts that were analysed make part of the Complete Work of this author, published in fifteen volumes by Fondo de Cultura Econômico, México, 1994. I want to say in advance that, although Paz's work is composed of a diversity of literary genres, his essayist production will be studied here, in a more specific way.

Descriptors – Octávio Paz; environmental education; ecology; literature and society.



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo refletir sobre a contribuição das idéias do poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz (1914-1998) para o entendimento das complexas origens das questões ambientais contemporâneas, bem como investigar as inferências no processo de constituição das identidades no continente latino-americano. Nos tempos de pós-modernidade em que estamos vivendo, intelectuais e cidadãos(ãs) do mundo inteiro estão sendo desafiados a tomarem posição sobre as questões ecológicas que são, sem sombra de dúvida, transnacionais, exigindo, assim, a atenção de todos aqueles(as) que ainda creditam em um mundo mais justo social e ecologicamente. Um mundo onde a tolerância e a paz se sobreponham à intransigência e a guerra. Nessa perspectiva alguns pensadores assumiram em suas produções intelectuais a dianteira em relação aos grandes problemas de sua época e da sua cultura. Dentre, os intelectuais latino-americanos que se destacaram como pensadores de seu tempo e de suas gentes, Octávio Paz é um exemplo inquestionável. Sua produção poética e, ensaística, transbordou as fronteiras de seu país (México) e de seu continente (Americano). Conquistou o mundo. Buscarei, neste ensaio, através da análise da produção ensaística de Paz, estabelecer um diálogo entre literatura e ecologia e sociedade tendo, como pressuposto, também, a idéia de que a literatura constitui-se, sim, em mais uma possibilidade de produção de conhecimento e de identidades, na medida em que existe um permanente diálogo entre autor(a), texto, leitor(a) e sociedade. Como alertava Paz, a vida se constitui como um tecido. Quase um texto.

Educação

Ou, melhor dizendo: um texto que é um tecido feito não apenas de palavras mas, também, de experiências e representações imaginárias. Para o desenvolvimento desta pesquisa tomei como referencial de análise a teoria das Representações Sociais de origem moscoviciana. Nessa pesquisa, a Teoria das Representações Sociais foi tomada como uma teoria “orientadora do olhar” e não como “decifradora de mundos” e de imaginários sociais colaborando, assim, para a construção de suas identidades. O texto escrito é aqui tomado como uma construção capaz de informar e comunicar representações sociais presentes no imaginário de pessoas ou grupos sociais. Ao comentar a relação existente entre a obra literária e a sociedade, Candido (2000) diz que a mesma passa por avaliações que vão de um extremo a outro. Para o autor, no século passado, por exemplo, a literatura chegou a ser vista como chave para entender a sociedade. Noutro momento, no entanto, foi totalmente desconsiderada a possibilidade de condicionamento entre literatura/sociedade/literatura. Há, portanto, segundo este autor, que se buscar um ponto de equilíbrio entre estes dois extremos. Para Deleuze (2000), a escrita passa pelos povos, pelas questões étnicas, pelos grupos tribais. Para ele, a escrita pode significar a invenção de um povo. Seria uma forma de escrever por este povo que falta, sem querer ocupar o lugar deste. Derrida (1991) lembra que se escreve com o objetivo de comunicar alguma coisa para alguém.

Já na opinião de Jacques Leenhardt (1998), o texto literário teria sua significância social, entre outras justificativas, pelo fato de constituir-se em um dos principais meios de que dispõe o indivíduo, para que possa estabelecer as suas relações imaginárias com os demais componentes do grupo ao qual pertence. Sobre esta relação entre sociedade e literatura, Octávio Paz afirma existir uma relação que é ao mesmo tempo muito forte e complexa entre obra e história. Paz (1994) vê também como fundamental o entendimento da relação existente entre o leitor, o texto literário e sobre o autor, pois, na sua opinião existe em todas as sociedades um sistema de regras e de proibições. Residiria aí o domínio daquilo que se pode ou não fazer. Ao nos voltarmos para o que é produzido pelo autor veremos que, segundo Paz, existe uma outra esfera de regulação que nos diz aquilo que pode ou não ser dito e/ou escrito. O sistema de repressão que existe em cada

Educação

sociedade repousa sobre esse conjunto de inibições que, em muitos casos, nem sequer são percebidas de forma consciente.

É neste sentido que podemos afirmar que a literatura ao ser entendida como um discurso que acontece na e pela sociedade, não pode ser vista de forma apartada, isolada dos processos de construção das identidades nesta sociedade em que está inserida e onde a estamos analisando.

Uma das conclusões dessa pesquisa foi que o texto literário se constitui, sim, em mais uma importante fonte para o estudo e pesquisa do imaginário social. A abordagem da obra literária paziana, via teoria das representações sociais, mostrou-se de grande pertinência para a produção de conhecimento em educação em geral, e em educação ambiental em particular. Foi possível, através dessa abordagem, acercar-me de conceitos e representações do imaginário latino-americano, presentes na obra analisada. Conceitos e representações essas que têm uma grande importância simbólica na construção das identidades dos povos e nações desse continente. Alguns exemplos dessa estreita vinculação entre literatura, questões ecológicas e construção das identidades latino-americanas podem ser muito bem representadas, por exemplo, em representações sobre o que é “primeiro mundo”; “terceiro mundo”; representação de natureza; “mundo desenvolvido”; “mundo subdesenvolvido”; “países do norte”; “países do sul”. Percebe-se que tais representações imaginárias passaram a ser aceitas como conceitos científicos hegemônicos em campos da maior importância para a construção da democracia, das relações econômicas e culturais tanto dentro do continente latino americano, quanto desse com os demais povos e nações.

Tais representações tiveram, e ainda têm uma influência bastante grande nos modelos de desenvolvimento adotados pelos países do continente em geral e, em particular, no Brasil. Uma das demonstrações disso é o fato das elites latino-americanas terem, histórica e sistematicamente, desprezado a possibilidade de buscar construir alternativas aos problemas locais a partir de seu patrimônio cultural. Não por acaso os modelos aqui implementados foram, via de regra, os já em exaustão em outras regiões do dito mundo “desenvolvido ou industrializado”. As consequências dessa opção tiveram - e têm - uma reper-

Educação

cussão dramática sobre as diferentes formas de degradação que atualmente estamos assistindo na sociedade latino americana. São processos de destruição, silenciamentos e aniquilamento de culturas, de saberes. Enfim, de formas e modos de vida seculares, quando não milenares. E o que é ainda mais dramático: em nome de uma ideologia do progresso a qualquer custo e sem limites; de um total desprezo pelos saberes das comunidades locais; de não reconhecimento de suas sociedades e identidades como legítimas em sua especificidade e diversidade. É a esse amplo e radical processo de não reconhecimento da legitimidade do outro que denomino de degradações ecológicas no sentido político e social que essa expressão tem. São degradações que envolvem o ambiente natural, o ambiente psicológico e o ambiente social. Ou seja, a produção de subjetividades e identidades no continente latino americano.

O grande desafio e, talvez, a possibilidade de criação de alternativas para uma sociedade social e ecologicamente mais justa em nosso continente, reside, a meu ver, em enfrentar aquilo que Paz tanto criticou no decorrer de suas reflexões: a incapacidade das elites dirigentes desafiar os poderes tradicionais, tanto internos quanto externos; a facilidade com que se copiam os modelos externos mesmo já em exaustão - isto não significa, pelo menos na opinião de Paz, a defesa de xenofobismos arcaicos, muito menos se alimentarem ódios étnicos e/ou religiosos - ; a opção pelo caminho político aparentemente mais fácil da estabilidade proporcionada pela “ordem” autoritária à instabilidade e incertezas do processo de debate e crítica democrática e, por último, e não de menor importância, a uma certa aceitação de algumas “verdades” meramente economicistas para classificar a situação dos países latino-americanos frente às demais nações do planeta.

Acredito que existe uma intrínseca relação entre a idéia de sociedade democrática para a América Latina, à construção livre e autônoma de suas identidades defendida no pensamento de Paz, e as possíveis alternativas de intervenção sobre os problemas ecológicos contemporâneos neste continente e no planeta. Mais ainda, vejo uma profunda relação entre a idéia de educação ambiental para a cidadania planetária e os conceitos de democracia, liberdade, tolerância, necessidade de criatividade, de valorização da cultura, dos saberes, costu-

Educação

mes, crenças dos povos. Enfim, de uma aposta no diálogo entre os diferentes segmentos sociais como forma radical de respeito ao outro. Todos estes, valores fundadores do pensamento ecologista na sua vertente libertária da década de 60.

DO FIXO AO MOVEDIÇO: RE(DES)CONSTRUINDO IDENTIDADES E (RE)FAZENDO MAPAS

No livro *Hijos Del Limo* (1972), Octávio Paz defende que a analogia é a ciência das correspondências. É uma ciência que não sobrevive sem as diferenças. Precisamente porque isto não é aquilo, é possível colocar um ponto a mais entre isto e aquilo. A analogia não anula as diferenças. Redime-as, torna tolerável sua existência. Quero, a partir desta idéia paziana, iniciar uma reflexão sobre a possibilidade de se romper com o monólogo existente quando se encontram dois opostos ou diferentes. (Des)encontro deste tipo, não raro, acontece quando se trata de discutir e/ou tentar entender as questões ecológicas contemporâneas. Principalmente quando as tratamos como construções indissociáveis da cultura, da história, da filosofia, da política. Enfim, como questões que ao mesmo tempo em que se instituem socialmente são, por esta mesma sociedade, instituídas. Não se trata aqui de esconder as diferenças. Não concordo, muito menos defendo a anulação de qualquer um dos contrários. Trata-se de colocá-los em diálogo. Pois é a partir deste diálogo que acredito se poderá “inventar” alternativas de intervenção nas questões ecológicas, principalmente, via processo educativo.

Esta busca de cooperação entre aquilo que costumeiramente acreditamos ser pensamentos e/ou ações irreconciliáveis, está muito presente no pensamento de Octávio Paz. Vários são os momentos de sua obra onde esta aposta na cooperação, na fraternidade, na busca de uma relação de proximidade entre os distantes aparece com muita força. A esta característica, do pensamento de Octávio Paz, Rodolfo Mata (1999, p. 95), chama de “estruturação de conceitos via paradoxo”. Mata cita como exemplos desta utilização do recurso do paradoxo como forma de aproximar na obra de Paz, a universalidade dentro particularidade, encontrada em suas meditações acerca da identidade do mexicano; o paradoxo da eternidade dentro da sucessão, implícito

Educação

em sua teoria da experiência; e o paradoxo do vaivém do ego entre si mesmo e a “outridade” – presença do estranho dentro de nós mesmos – tema que permeia significativamente sua produção poética” (MATA, 1999).

Chamo a atenção para outros exemplos presentes na obra de Paz, e que considero pertinentes sua discussão para o entendimento das questões ecológicas contemporâneas, tais como: os aspectos globais e os locais da mesma questão; a relação entre o artesanal e o industrial; os nacionalismos e universalismos culturais; a autonomia e a dependência; o qualitativo e o quantitativo; o objetivo e o subjetivo; o desejo, a paixão e consciência/razão e, ainda, sem encerrar a lista, a relação e/ou representação de tempo nas suas três dimensões: passado, presente e futuro. Poderíamos dizer que são todas dimensões das nossas idéias e conseqüentemente possíveis condicionadores de nossas representações de mundo. Ressalto que a idéia de opostos, em Paz, vai além da lógica da exclusão, do *isto* ou *aquilo*. Seu método não se ampara na seqüência binária de causa e efeito e sim em uma complexa teia de relações que tem origens diversas, como por exemplo, na filosofia oriental que em muitos momentos fertiliza tanto sua obra poética quanto ensaística. Esta característica faz com que o texto de Paz não possa ser acusado de buscar uma síntese que anule ou dilua as diferenças em nome de uma superação maior, unificadora. Ao estabelecer uma relação complexa entre os ditos contrários, o método de Paz se diferencia da dialética hegeliana à medida que não se submete a sua lógica de processo de etapas sucessivas.

Na obra de Paz, tese e antítese podem acontecer de forma concomitante, residindo neste fato o paradoxo do seu pensamento. Ao analisar esta característica do texto paziano, Maciel (1995) afirma que a construção textual paziana amplia a lógica hegeliana, na medida em que vai pela via da contigüidade sem descuidar da temporalidade.

Octávio Paz, ao refletir sobre a passagem do modelo de produção artesanal para o industrial o faz, através de uma análise da representação sobre *uso* e *contemplação* presentes na arte moderna. Para ele, a arte moderna é muito condicionada pela idéia do funcional, do útil. Uma demonstração disto é que o ideal estético da arte funcional con-

Educação

siste “em aumentar a utilidade do objeto na proporção direta da diminuição de sua materialidade. A simplificação das formas se traduz na seguinte fórmula: o máximo de rendimento corresponde ao mínimo de presença” (1994, p. 67). No mundo do trabalho ou da produção fabril/industrial esta relação também logrou ocupar importantes espaços na sociedade moderna, à medida que cada vez mais o processo produtivo buscou diminuir a presença numérica de pessoas ao mesmo tempo em que buscava aumentar o máximo possível o rendimento individual de cada um(a). A sociedade moderna, e sua produção industrial, mostraram-se incapazes de associar o gosto pela beleza e utilidade. Uma coisa, um objeto era valorizado pela sua capacidade de “servir ou não” para algum fim. Enquanto isto, os objetos resultantes da produção artesanal não se impõem apenas, e exclusivamente, pela sua utilidade. Ao contrário. Estabelecem uma relação de “cumplicidade” com a estética. A contemplação tem um lugar a ocupar junto ao grau de utilidade daquilo que se produz.

Curiosamente, há um momento em que os objetos da produção industrial acabam também adquirindo um valor estético. Este momento seria, segundo Paz, quando os mesmos perdem sua utilidade funcional. Quando perdem seu valor de uso, Paz (1994, p. 67), cita como um exemplo disto às locomotivas que quando passaram a não mais transportar em seus vagões nem cargas, nem mercadorias, nem passageiros, então sim, transforma-se em “monumento imóvel a velocidade”. Mais paradoxal ainda é o fato de que estes artefatos passam agora a servir como uma possibilidade de retorno ao passado. Este mesmo passado tão veementemente desprezado pelo ideário moderno em nome de uma apologia da busca do progresso e do futuro, como os lugares da felicidade humana. Para Paz esta fixação pelas máquinas e artefatos em desuso revela uma fissura na sensibilidade moderna. Mostra nossa incapacidade para associar a beleza com a utilidade. O autor vê na produção artesanal um belo exemplo de mediação possível entre o apenas útil e a beleza. Pois o artesanato ao mesmo tempo em que não abre mão da beleza, do adorno, do detalhe, não despreza a utilidade daquilo que é produzido. A esta relação de diálogo, a este vai e vêm, entre utilidade e beleza, Paz chama “prazer”.

A produção artesanal deixa espaços para a imaginação sensível, pois permite a transformação de algo que era apenas útil, em um mo-

Educação

mento, em algo de estético em outro. Um jarro tanto pode servir para fornecer água como pode amparar flores sobre uma mesa, permitindo

desvio e interrupção que conectam o objeto com outra região da sensibilidade: a imaginação. Esta imaginação é social. Em sua perpétua oscilação entre beleza e utilidade, prazer e trabalho, o objeto artesanal nos dá lições de sociabilidade (1994, p. 69).

Outra diferença vista por Paz, entre o artesanal e o industrial, e que acredito ser importante para a compreensão das questões ecológicas contemporâneas, é o fato de que enquanto a técnica é internacional, tendo suas construções e desdobramentos muito semelhantes nas mais diferentes regiões onde é executada, levando, com isto, em muitos casos, a uma supressão das particularidades regionais e locais, o artesanal é, ao contrário, local. Tem sua pertinência, justamente, no fato de ressaltar as características próprias da sua região, da cultura local. Se, por um lado, a técnica moderna tem um grande poder de uniformização, por outro, carrega consigo uma capacidade também muito grande de desagregação das peculiaridades regionais e locais. Ou seja: uniformiza, porém, não une. Ao fazer esta uniformização sem respeitar as peculiaridades acaba levando àquilo que Paz denomina de um empobrecimento do mundo, pois, desconsidera as diferenças entre as distintas culturas e estilos nacionais, porém “não extirpa as rivalidades e os ódios entre os povos e os Estados. Depois de transformar os rivais em gêmeos idênticos, os arma com as mesmas armas” (1994, p.70).

Nesta capacidade de aniquilamento das diversidades culturais reside o perigo e o lado nocivo da técnica e não em algo intrínseco absolutamente mortífero de certas criações suas. A este processo de homogenização decorrente da técnica moderna, Paz contrapõe, como mediação criadora, o processo de produção artesanal que, ao invés da extirpação do outro, o respeita, à medida que convive com ele. Enquanto a técnica deixa intacta a agressividade humana, sob seu processo de nivelamento e homogenização, a produção artesanal nem sequer é nacional. É local. Indiferente às fronteiras e aos sistemas de governo, sobrevive às repúblicas e aos impérios.

Educação

As diferenciações entre estes dois modelos são infinitas e de grande repercussão sobre as formas de vida em sociedade. Não cabe, no entanto, uma contraposição pura e simples entre os mesmos. O que precisa ser buscado é o estabelecimento de uma relação de mediação entre estas duas representações do modo de produção de existência. Aprofundar a possibilidade de convivência entre os paradoxos. Tal aproximação já pode ser constatada em muitos territórios do planeta. Principalmente naqueles onde as conseqüências indesejáveis da ideologia do progresso sem limites e a qualquer preço já se fazem sentir de forma mais evidente. Assistimos, hoje, embora de forma lenta, a um retorno a algumas práticas de artesanaria em vários países da Europa e também nos Estados Unidos da América. Esta mudança está a denunciar transformações importantes nas sensibilidades humanas em construção, em uma sociedade de orientação para valores e atitudes pós-modernas. Paz (1994, p. 72) vê esta situação como sintomas de que “estamos frente a outra expressão da crítica da religião abstrata do progresso e da visão quantitativa do homem e da natureza” Certamente que este processo de descrédito na ideologia do progresso ainda é muito incipiente em países como, por exemplo, o Brasil. Uma das causas disto é que, como muito sabiamente afirma Paz, “nada se aprende na cabeça dos outros”. Ou seja: vivemos ainda sob a apologia de modelos que já se mostraram em exaustão em outras sociedades, sem contudo, aprendermos com as experiências destas. No entanto, “a sociedade moderna começa a duvidar dos princípios que a fundaram há dois séculos e busca mudar de mundo. Oxalá não seja demasiado tarde” (PAZ, 1994, p. 73).

Como se pode perceber, paradoxalmente, é nas sociedades pós-industriais que se (re)valoriza a produção artesanal. Este é mais um belo exemplo da necessidade de (re)avaliarmos nossas representações de mundo e nossas formas de existência, onde a convivência entre os aparentemente opostos seja possível, sem a anulação nem de um nem de outro, mas que, ao contrário, busque o que neles possa contribuir para uma vida que respeite a diversidade, a autonomia e a cultura de cada ser vivo. O pensamento ecologista libertário debate-se com esta proposição desde suas origens.

Educação

MAPAS LOCAIS E CONFLITOS GLOBAIS, EM TEMPOS DE PÓS-MODERNIDADE

Ao tratar das dualidades e/ou da dupla face do nacionalismo ou nacionalismos no seu texto *Respostas Novas a Perguntas Velhas* (1992), ao responder à pergunta feita por Juan Cruz, se “o nacionalismo é um bem ou um mal”, Paz responde que “as duas coisas”. O nacionalismo pode construir e destruir. Assim como originou tiranias, e as guerras da Idade Moderna, também, foi o responsável pela criação de várias instituições como o Estado-Nação moderno de onde advém

A língua, a literatura, as artes, os costumes e, enfim, tudo o que chamamos cultura, sem excluir nem mesmo a ciência, é a consequência de um fato básico, primordial: as comunidades humanas, as nações” (PAZ, 1994, p. 486).

Ao mesmo tempo em que reafirma a dualidade dos nacionalismos, Paz reforça, com a resposta dada a Juan Cruz, a afirmação de que não podemos dissociar as artes, nem mesmo a ciência ou ciências, de sua época, de seu espaço e de sua cultura. Pois, segundo ele, como imaginar a existência, por exemplo, de Newton e de Shakespeare sem a existência da Inglaterra? De Galileo, Racine e Descartes sem as suas nações, Itália e França? Por outro lado, este fim de século que ora vivemos põe fim, também, à última grande ideologia e/ou representação internacionalista/universalista da história recente: o comunismo. Concomitantemente a estes encerramentos, a estes processos de desmoronamento das grandes verdades históricas e científicas, temos muito presente um movimento ascendente de redescobrir, renascer ou recrudescer dos nacionalismos e da retomada de busca de identidades étnicas, religiosas, culturais, até então subsumidas em uma homogenização artificialmente construída. Uma demonstração concreta desta situação é a busca de reafirmação das “pequenas nacionalidades” principalmente nos países do continente europeu. O final do século XX foi caracterizado pelo retorno de crenças e idéias que estão dando origem a movimentos que acreditávamos estarem definitivamente extintos da

Educação

história humana. Ao comentar estes ressurgimentos, Paz assim se manifesta

Se uma palavra define estes anos, essa não é revolução, mas sim, revolta. Porém, não revolta apenas no sentido de distúrbio ou mudança violenta de um estado a outro, mas, também, no sentido de uma mudança como um regresso às origens. Revolta como ressurreição. As grandes convulsões sociais dos últimos anos têm sido ressurreições. Entre elas a mais notável é a do sentimento religioso, em geral associado a nacionalismos: o despertar do islam; o fervor religioso na Rússia depois de meio século de propaganda antireligiosa e revolta, entre as elites intelectuais deste país, contra modos de pensar e filosofar que se acreditavam extintos, como o nazismo (1994, p. 333-334).

O ressurgimento dessas tentativas de organização de “pequenas nações” é visto por Octávio Paz como o lado positivo desses nacionalismos e da busca de afirmação étnica. É um acontecimento louvável por vários motivos. Entre eles está o fato de que, em geral, a quase totalidade, delas, tiveram seu nascimento no período da Idade Média; contudo, conseguiram manter suas identidades mesmo sob mais de cinco séculos de opressão e dominação pelos grandes Estados Nações modernos. A convivência entre os grandes Estados-Nações clássicos da modernidade com novas “pequenas nações” e suas identidades nacionais emergentes, está a exigir mudanças radicais na forma de organização da sociedade. Sintetizando: para que os grandes Estados-Nações, clássicos da modernidade, possam manter-se terão que se reorganizar em suas estruturas internas e externas. Uma questão fundamental a ser repensada neste cenário, em construção, é a representação que se tem de soberania das nações. Se hoje esta é tida como algo absoluto, precisa ser repensada como uma construção relativa. Um exemplo de questão que está, a meu ver, denunciando a falência desta idéia de soberania nacional é, justamente, a questão ecológica contemporânea. A dimensão planetária das questões ecológicas está a exigir um novo olhar sobre a forma de relacionamento entre as Nações.

Esta mudança é das mais desafiadoras para a relação entre as nações contemporâneas. Difícil de pensar, mais difícil ainda de concreti-

Educação

zar. Os componentes em jogo vão do econômico ao religioso. Passando pelo intrincado universo das paixões e ódios construídos e alimentados durante séculos de explorações e guerras entre os povos. A construção desta transição, implica, na opinião de Paz (1994, p. 53), entender que

O nacionalismo introduz novos ingredientes no cenário atual. Um deles é uma paixão contagiosa. Fundada no particular e na diferença, se associa com tudo o que separa uma comunidade da outra: a raça, a língua, a religião. Sua aliança com esta última é freqüente e letal por duas razões: porque os laços religiosos são os mais fortes e porque a religião é por natureza, como o nacionalismo, uma reação à razão. Ambas se fundam na fé. Em algo que está além da razão. Se não formos capazes de interligar estas questões em universos mais amplos de compreensão e diálogo, sua proliferação nos levará ao caos político e em seguida à guerra. Ao mesmo tempo em que precisamos aceitar, muito mais que isto, defender o direito das etnias em buscar sua organização, livre e autonomamente, há que se buscar um processo onde a paixão que fortalece e dá vida às nossas idéias não seja cegada pelo ódio que a deformaria, transformando-a em obstáculo. Não em uma porta para passagem, mas sim, em parede que divide. Que separa. Ao mesmo tempo em que as culturas precisam manter suas identidades, que são a riqueza do processo histórico, elas precisam da relação com as demais culturas como forma de construir a diversidade. Uma diversidade formada justamente pela particularidade de cada povo em sua construção histórica. Pois, sendo as culturas híbridas, o diálogo entre elas é que poderá nos levar a reconhecer suas particularidades e diversidades, num processo permanente de fusão entre elementos distintos, e até mesmo, muitas vezes contrários (PAZ, 1994).

As questões ecológicas, como já afirmei anteriormente, estão a desafiar, a curto-circuitar as fronteiras clássicas dos países. Fronteiras estas que até então conseguiam dar conta dos desafios enfrentados pela sociedade. Hoje, no entanto, com a planetarização das relações, estas fronteiras são de outro tipo. Obedecem a outras lógicas e representações de poder, cultura e mesmo de processos econômicos. Diria que as fronteiras continuarão existindo. Só que terão outras conforma-

Educação

ções. As questões que envolvem a ecologia têm, e cada vez mais terão, forte influência sobre as nossas futuras representações de limites e de fronteiras no planeta-terra. No texto *Guerra, Sexualidade, Ecologia* (1992), ao comentar o papel do movimento ecologista neste cenário, Octávio Paz é explícito em afirmar sua importância para a construção de uma nova representação de mundo a partir da reestruturação global do planeta. Ao mesmo tempo em que ressalta a importância da ecologia como um movimento nascente e de grande poder aglutinador entre os homens e mulheres contemporâneos, alerta para os perigos de cair-se no discurso fácil e oportunista que, em geral, está presente nos “adeptos de última hora” às causas emergentes e que dão notoriedade. Como forma de estabelecer diferenças entre o discurso fácil e demagógico em relação às questões ecológicas, e a busca persistente e ética de uma nova relação de homens e mulheres no planeta, Paz chama a atenção de que o discurso ecológico, por razões fáceis de entender, pode degenerar para a demagogia e manipulação política. As ideologias vencidas retornam aos debates sob a máscara da ecologia.

Ao mesmo tempo em que faz este importante alerta sobre os oportunistas de última hora, e seus discursos “ecologistas” superficiais, ao refletir sobre as questões ecológicas contemporâneas, Paz não descarta a importância dos temas clássicos que surgem na discussão das mesmas: crescimento populacional, poluição do ar, solo, águas, destruição das florestas, exploração econômica dos bens públicos, precariedade das relações e modo de vida de grande parte dos trabalhadores, dos usos inadequados da tecnologia, do mercado global, entre outros. Além destes temas clássicos e recorrentes da discussão sobre as questões ecológicas, Paz ressalta, também, uma dimensão que julgo fundamental: a luta pela democracia e pelo aprofundamento das liberdades individuais e das ditas “minorias”. Enfim, da busca da autonomia de homens e mulheres em relação aos poderes de dominação nas suas mais diferentes formas instituintes e instituidoras da sociedade. Para Paz, embora as questões econômicas tenham um papel muito importante, em se tratando dos problemas que envolvem o ambiente, elas não podem ser vistas como as únicas causadoras dos graves desastres ecológicos contemporâneos. Nem mesmo o papel atribuído ao “mercado capitalista”, em sua ganância exploradora e seu projeto homogeneizante de costumes e hábitos de consumo, pode ser “satanizado” a

Educação

ponto de ser eleito o grande responsável por todos os nossos graves problemas ecológicos.

Para justificar sua opinião, Paz cita o exemplo dos países comunistas e/ou socialistas da Europa Central e da antiga União Soviética. Nestes países a orientação econômica teve outro sentido que não o sistema capitalista de organização do sistema produtivo. Tampouco seguiu as leis do mercado capitalista de produção e negócios. No entanto, os problemas ecológicos por eles enfrentados foram, e permanecem, tão graves quanto os do mundo capitalista. Não se trata, é importante frisar, de eximir nem o mercado nem o sistema capitalista de suas responsabilidades em relação aos problemas ecológicos contemporâneos. Uma prova disto é a resposta que Octávio Paz dá à pergunta sobre a responsabilidade do mercado sobre a destruição do meio ambiente. Na sua opinião, este é um grande agente destruidor, porém não é o único, como não são a explosão demográfica ou a sede por terras dos agricultores. A causa é mais antiga. É nossa atitude perante a natureza (1994). Uma atitude, de homens e mulheres, cuja representação de natureza hegemônica era aquela onde esta nada mais significava que um “recurso natural”. Uma propriedade a serviço de nossos projetos de “desenvolvimento”. Um mero objeto de nossa representação de futuro e progresso. Trago, novamente, uma importante reflexão feita por Octávio Paz sobre a forma como a representação de natureza da sociedade moderna tem vínculos de autonomia e de dependência em relação aos processos histórico-culturais e políticos da sociedade. Na opinião de Paz (1994, p. 493) a modernidade não tem início com o mercado, mas sim com a mudança espiritual nas consciências que se dá com o nascimento da ciência e da técnica. A Idade Moderna ao dessacralizar a natureza a transformou em um imenso objeto de experimentações. Ou seja: “um laboratório”.

Esta transformação de tudo o que existe em um imenso laboratório, aliado a uma representação hegemonicamente econômica, acabou por transformar tudo, ou quase tudo, em um grande negócio. Um comércio onde até mesmo os seres humanos passaram a serem vistos como mais uma mercadoria. Um espaço de negociação onde o econômico tem tido prioridade sobre o ético, o afetivo, o estético, o político. Enfim, um processo que precisa ser repensado radicalmente. Num pri-

Educação

meiro momento pode parecer que a análise empreendida por Octávio Paz sobre as questões ecológicas, é exclusivamente pessimista. Que o mesmo não acredita em alternativas para o processo de invenção de novos caminhos. Contudo, isto não é verdadeiro. Ao mesmo tempo em que Paz faz uma crítica radical e uma análise bastante dura da realidade das relações no mundo contemporâneo, incluindo aí as questões ecológicas, não deixa de apontar alternativas em suas reflexões. Sua opinião sobre o movimento ecologista mundial, e suas possibilidades de promover mudanças, é bastante explícita em muitos momentos de sua obra. O Coloca-o em nível de outros movimentos políticos que, na década de 60, começaram um processo de questionamento da “ordem estabelecida” e se consolidaram nas mais diferentes regiões do planeta, e o que é também da maior importância: continuam com pertinência e tenacidade permanentemente renovadas. Ao comentar sobre as potencialidades do movimento ou corrente de pensamento ecologista, Paz se refere ao mesmo dizendo que este se constitui na grande novidade histórica surgida no século XX. É

um movimento que terá uma importância análoga ao que teve o feminismo há vinte anos atrás. O feminismo mudou muitas de nossas atitudes tradicionais e o mesmo ocorrerá com o ecologismo (1999, p. 492).

Uma destas mudanças de atitude a que se refere Paz é, justamente, a desconstrução da representação de natureza como uma propriedade, como algo “estúpido e bruto” (PRIGOGINE, 1991) e a construção de uma(s) representação(ões), onde se possa restabelecer algo que Paz (1994, p. 492) chama de “a fraternidade cósmica, desaparecida com o advento da era moderna”. Um pequeno poema recitado aos estudantes em uma casa universitária de Madrid sintetiza esta outra possibilidade de representação sobre o chamado “mundo natural” e diz um pouco também desta “fraternidade cósmica” de que nos fala Paz “*Soy hombre: duro poco/Y es enorme la noche/Pero miro hacia arriba/Las estrellas escriben/Sin entender, comprendo/También soy escritura/Y en este mismo instante/Alguién me deletrea*”.

Outra faceta, que aparece em muitas ocasiões em um certo discurso ecológico oportunista e desconhecedor da história do movimento eco-

Educação

logista, é uma representação de natureza como um lugar idílico. Um paraíso perdido em um tempo arcaico. Tal discurso, via de regra, prega o retorno a um passado imemorial onde tudo era harmonia. Onde homens e mulheres viviam em uma espécie de comunhão religiosa com a “natureza sagrada”. A visão instrumental da sociedade moderna acabou por retirar do chamado “mundo natural” ou da “natureza” todo e qualquer valor que não fosse o econômico. Isto ficou muito explícito na transformação de tudo o que existe em mercadoria, inclusive homens e mulheres. A crítica a esta destituição, e esta dessacralização, não significa uma transformação desta mesma “natureza” em um novo espaço deificado. Ao contrário, a compreensão deste processo precisa servir como aprendizado para as sociedades contemporâneas que buscam romper com certos valores da modernidade. Podemos encontrar na obra de Paz, ao lado da crítica a esta dessacralização e a esta representação de “natureza”, exageradamente antropocêntrica, uma importante reflexão sobre esta representação atávica de uma “natureza” como o lugar da harmonia criacionista. No texto “Guerra, Sexualidade e Ecologia” (1992), Paz adverte que a crença moderna no progresso se funda na idéia de dominação da natureza pela ciência e pela técnica. Uma crença, segundo ele, totalmente equivocada a julgar pelos seus resultados

ao mesmo tempo admiráveis e abomináveis. Contudo, os homens esqueceram algo essencial: dominar sua própria natureza. Então, como se atreve a dominar as forças naturais se não consegue dominar a si próprio? (PAZ, 1994, p. 494-495).

Ao se referir ao começo de uma outra época, Paz alerta para o fato de que é necessário entender que nesta o tempo precisa ser representado de uma forma diferente daquela que foi tradicionalmente feita na modernidade. Nesta, tivemos uma representação linear do tempo. Via-se, através do mesmo, um percurso inevitável para o processo de evolução da humanidade. Uma lógica histórica ascendente, única de evolução do tempo: passado, presente e futuro. Esta representação de tempo, como uma passagem sucessiva de uma fase a outra, foi decisiva para a consolidação da modernidade ocidental. Uma demonstração disto é dada pelo fato de que as diferentes representações de tempo

Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 241 – 262, Mai./Ago. 2004

são construções sociais e datadas. A representação de tempo é uma criação coletiva de cada sociedade. É como uma metáfora criada por cada sociedade em sua época. Não é o resultado criado apenas por alguns cientistas ou mesmo poetas. É construída, segundo Paz (1994, p. 352), “por um povo inteiro”. Faz questão de dizer que com esta revisão sobre as representações de tempo, não está, naturalmente, afirmando que nos dias atuais o tempo passe com mais velocidade. O que o autor afirma é que no mundo contemporâneo acontecem mais coisas em um mesmo espaço de tempo em relação a outras épocas da história. Está se referindo ao fato de que vivemos em uma sociedade em que a aceleração e a fusão estão permanentemente acontecendo. São mudanças que inegavelmente estão a desafiar nosso modo de vida sobre o planeta. Seria como: “todos os tempos e todos os espaços confluem para um aqui e agora” (PAZ, 1994, p. 337). Paz fala de um ocaso da representação moderna de futuro. De um fim do período denominado de modernidade. A partir desta afirmação o autor passa a refletir sobre uma nova época que se avizinha. Um tempo ainda sem rosto. Uma época ainda sem nome. Mas que, certamente, será um tempo não mais definido pelos ditames clássicos da modernidade, tais como: a representação de tempo como uma construção linear; a representação de futuro como algo garantido e sinônimo, inevitavelmente, de mundo melhor; a representação de progresso como algo definitivamente assegurado a partir de um ideário pautado nos “avanços” da ciência e da técnica modernas. Para Paz é decisivo compreender-se que o momento de transição em que estamos mergulhados, não mais pode abrir mão de aceitar que o presente precisa ser encarado como algo que tem um valor a ser imediatamente gozado.

Não há, partindo desta premissa, que esperar pelo futuro para ter os resultados daquilo que se quer construir e/ou desfrutar. Pois, para Paz (1994), aquele que constrói sua casa da felicidade apenas levando em conta o futuro estará construindo inevitavelmente cárceres no presente. Castelos que mais se parecem com prisões da felicidade no cotidiano da vida de cada dia. Na sua opinião, as mudanças que estão acontecendo hoje, dão-se em uma velocidade tal que, estão a “destronar” a representação clássica de futuro como algo a ser perseguido indefinidamente. Esta representação de Paz sobre a relação passado/presente/futuro está muito de acordo com uma das questões funda-

Educação

doras do pensamento ecologista: a defesa do aqui e do agora. Com a (re)descoberta do cotidiano e das ditas “pequenas ações” como ponto de partida para a mudança do nosso modo de vida no planeta-terra. Assim como uma importante e desafiadora alternativa de desconstrução de representações sobre valores, crenças, conceitos e pré-conceitos em relação ao processo de vida cotidiana, local e planetária.

Não devemos nos esquecer que a defesa do cotidiano, do aqui e do agora - como um espaço de construção de liberdade e autonomia de homens e mulheres - o movimento ecologista libertário, e também outros movimentos contestatórios da década de 60, foram os desencadeadores de inúmeras transformações nos hábitos da sociedade contemporânea. Em seu livro *Los hijos del limo* (1972), Paz, ao analisar as mudanças ocorridas na sociedade moderna, principalmente no seu ocaso, é taxativo ao afirmar que no mundo das artes as mudanças estão sendo radicais. Uma destas mudanças é decorrente do desmoronamento de um dos núcleos fundantes da sociedade moderna: a negação. Na opinião de Octávio Paz, o fim da modernidade e da sua representação de futuro se apresenta na arte e na poesia como uma aceleração que dissolve tanto a noção de futuro quanto a de mudança. O futuro é transformado rapidamente em passado. Passamos a ser

testemunhas de outra transformação; a arte moderna começa a perder seus poderes de negação. Desde muitos anos suas negações são repetições rituais: a rebeldia convertida em procedimento, a crítica em retórica, a transgressão em cerimônia (1994, p. 471).

Com isto a negação perdeu sua capacidade criadora. Neste sentido, a Idade Moderna, entre tantas transformações, realizou uma considerada fundamental sobre a representação do tempo: o passado que para as sociedades antigas era o lugar da felicidade, o lugar dos sonhos realizados, foi destituído de seus atrativos e em seu lugar foi instaurado o futuro. Este, agora, é o lugar das realizações. O lugar do paraíso a ser alcançado. A chave para esta realização foi/é a idéia de progresso. Segundo esta visão de progresso o futuro seria melhor. Sempre o melhor. A filosofia de apologia ao progresso foi a sustentação da idéia de futuro como o lugar da felicidade. Portanto, o paraíso a ser alcançado

Educação

por homens e mulheres modernos. Paz, (1999, p. 232) sintetiza esta situação dizendo que para os modernos “a sociedade de hoje é melhor que a sociedade de ontem, mas a sociedade de amanhã será muito melhor que a de hoje”. No entanto, para Octávio Paz, estamos hoje vivendo uma crise frente a uma das idéias centrais da modernidade: a idéia de futuro e de progresso. Isto, contudo, na sua opinião, não deve significar uma deificação, uma pregação de volta ao passado, mas sim o reconhecimento de uma mudança que se processa pouco a pouco na construção das identidades de homens e mulheres latino-americanos. Identidades, essas, cada vez mais marcadas pelas relações planetárias.

ALGUMAS REFLEXÕES NA BUSCA DE DIÁLOGOS

Este modo de pensar, e essas transformações de que nos fala Paz, estão a denunciar o surgimento de um conjunto de mudanças, lentas, recorrentes, fragmentadas. Porém, significativas e denunciadoras de novas sensibilidades, de novos fragmentos subjetivos. Enfim, de novas identidades, nas quais o afetivo, o não apenas racional, passam a ocupar um papel relevante e instituinte de novas relações entre os seres humanos e, destes, com o demais que existe no universo. Uma destas formas emergentes de pensar e viver é, justamente, uma nova relação com os espaços de tempo passado/presente e futuro. Nesta nova relação, a representação do presente assume outro papel. Nela, o presente, o aqui e o agora, passam a ser aquilo que tem um valor e uma urgência inadiáveis. Há que viver este presente e este agora. Há, em função disto, também, a necessidade de cuidar deste presente e deste aqui, deste local. Esta atitude não tem nada a ver com um novo hedonismo, muito menos com a defesa do egoísmo. Ao contrário, é a tentativa de, em viver e cuidar do agora e do local, garantir a utopia de um futuro e um lugar, local e planetário, possíveis de serem vividos, visitados, habitados por homens e mulheres em permanente processo de metamorfose em seus devires. Devires que, cada vez mais, fazem parte de um caleidoscópio onde natureza e cultura, história e ficção, certeza e incerteza, senso comum e ciência, humano e desumano são aquilo que dão o tom de suas cores e vibrações.

Encaminho-me para o final deste ensaio dizendo que a idéia do diálogo entre os diferentes/contrários e/ou extremos; do caminho atra-

Educação

vés dos paradoxos da vida presentes no pensamento de Paz, pode ser uma alternativa muito criativa para repensarmos nossas práticas e representações em relação ao processo educativo em geral e, em especial, para a busca de caminhos outros para as nossas práticas pedagógicas em educação ambiental.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. QUEIRÓS, 2000.
- DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Lisboa: Edições Século XXI, 2000.
- DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- MACIEL, M.E. *A palavra inquieta*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. *As Vertigens da Lucidez*. Poesia e crítica em Octávio Paz. São Paulo. Experimento, 1995.
- PAZ, O. *Itinerário*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.
- _____. *Obras Completas*. V. III. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. X. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. IX. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. VIII. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. XI. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. II. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. I. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.
- _____. *Obras Completas*. V. V. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.

Educação

_____. *Obras Completas*. V. VI. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994. 15 v.

_____. *Vislumbres da Índia*. Um diálogo com a condição humana. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro. Mandarin, 1999.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *A Nova Aliança*. São Paulo: EDUSP, 1991.

Educação